



DOI: <https://doi.org/10.59488/tragica.v18i2.68243>

Revista Trágica

Volume 18 - Número 02 ISSN 1982-5870

Tentativas modernas de um substituto da religião: cap. VI

Helene Druskowitz

Tradução de Lucas Pires Ramos

Mestrando, Bacharel e Licenciado em Filosofia pela UNICAMP. Campinas, SP, Brasil. Contato:
lucaspriesramos@gmail.com

Apresentação da tradução*

Helene Druskowitz nasceu no dia 2 de maio de 1856, em Hietzing, e, sem sair de Viena, pôde ter uma boa formação escolar. Com seu encerramento em 1874, porém, ela se muda para Zurique, único lugar na época em que era permitido a mulheres se inscreverem como estudantes regulares da universidade e receber diplomas¹. Com a mudança para a Suíça, Druskowitz estudou, até 1878, diversas áreas do conhecimento, sobretudo “filosofia, filologia clássica, arqueologia, ciências orientais, germanística e línguas modernas”². Após retornar a Viena, ela conhece, em 1881, a escritora Marie von Ebner-Eschenbach, por intermédio da qual se aproxima de Meta von Salis-Marschllins, uma historiadora suíça, filósofa e amiga de Friedrich Nietzsche³. Ao longo de sua vida, Druskowitz se vincula ao movimento feminista e funda as revistas feministas *Der heilige Kampf* (*A Luta Santa*) e *Der Fehderuf* (*O Grito de Guerra*)⁴. Suas atividades profissionais, no entanto, eram acompanhadas de constantes transtornos devido ao seu vício em álcool e em cigarro, o que foi particularmente intensificado com a perda de sua mãe e de seus irmãos e com o término de seu relacionamento com Therese Malten⁵. Em certa ocasião, após um descontrole emocional, fruto de sua saúde mental perturbada e de suas crises existenciais, Druskowitz foi levada pela polícia para um hospital psiquiátrico em Dresden⁶ e, a partir então, viveu até o final de sua vida em diversas clínicas psiquiátricas. Apesar disso, Druskowitz não cessou com suas publicações. Em 1905, por exemplo, ela

* O presente trabalho foi realizado com parcial apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), através do Programa de Excelência Acadêmica (PROEX), e com parcial apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Brasil. Processo nº 2024/16313-2.

¹ BORŠIĆ; KARASMAN. *Meet Helene Druskowitz*, p. 180.

² JANZ. *Friedrich Nietzsche*, p. 274.

³ BORŠIĆ; KARASMAN. *Meet Helene Druskowitz*, p. 181.

⁴ JANZ. *Friedrich Nietzsche*, p. 274.

⁵ BORŠIĆ; KARASMAN. *Meet Helene Druskowitz*, p. 182.

⁶ Ibidem.

publicou uma de suas obras mais importantes: *Pessimistische Kardinalsätze: Ein Vademekum für die freisten Geisten* (*Proposições Cardinais Pessimistas: Um Vade-mécum para os mais livres espíritos*). Sua morte se deu, muito possivelmente, devido a uma tuberculose, no dia 31 de maio de 1918⁷.

Em outubro de 1884 em Zurique, ocorre o primeiro encontro entre Druskowitz e Nietzsche, o que deve ter sido amigável e intelectualmente estimulante para ambos⁸. Sobre este momento, Nietzsche escreve à sua irmã:

De tarde eu fiz um longo passeio com minha nova amiga Helene Druskowitz⁹, que mora com sua mãe a algumas casas da pensão Netuno: de todas as mulheres que conheço, ela se ocupou de longe o mais seriamente com meus livros, e não à toa. Veja se lhe agrada os seus últimos escritos (“Três poetas ingleses”, entre eles Eliot, que ela muito venera) e um livro sobre Shelley. Agora ela traduz o poeta inglês Swinburne. Eu acredito que ela seja uma criatura nobre e honesta que não provoca nenhum dano à minha “filosofia”¹⁰.

Além de Druskowitz fornecer temas para conversas que seriam interessantes aos olhos de Nietzsche, sobretudo no que diz respeito às problemáticas filosóficas da metafísica e do livre-arbítrio¹¹, ela era vista por ele como mais uma seguidora de sua filosofia¹². Alguns meses depois, no entanto, Nietzsche descobriria que estava profundamente enganado a seu respeito¹³.

O *Assim falou Zarathustra* de Nietzsche, cujo terceiro volume havia sido publicado poucos meses antes do encontro do autor com Druskowitz, não agradou a autora. Em dezembro do mesmo ano, Druskowitz escreve a Ferdinand Conrad Meyer: “Meu entusiasmo pela filosofia de Nietzsche acabou sendo apenas uma *passion du moment*, um miserável fogo de curta duração. A expressão profética de Nietzsche agora me parece tão ridícula”¹⁴. No ano seguinte, a interação entre os dois definitivamente se encerrou com a publicação da quarta parte de *Zarathustra*. No dia primeiro de agosto de 1885, Nietzsche pede a Heinrich Köselitz (Peter Gast) para enviar um exemplar de *Zarathustra* a Druskowitz¹⁵, o que é feito de imediato, conforme resposta de Köselitz no dia 10¹⁶. De maneira inesperada, entretanto, Druskowitz devolve o exemplar recebido, o que foi sentido por Nietzsche como um grave insulto¹⁷. Embora não tenha sido conservada a carta de Druskowitz, podemos perceber o quanto Nietzsche se chateou com ela por meio de um rascunho da carta que ele nunca chegou a lhe enviar.

⁷ Ibidem, p. 183.

⁸ Ibidem, p. 181.

⁹ Nas cartas ou anotações de Nietzsche, o nome da autora aparece ora como Druskowitz e ora como Druscowicz. Por uma questão de padronização, mantivemos a primeira grafia.

¹⁰ Carta de Nietzsche de 22 de outubro de 1884 a Elisabeth Nietzsche (549); KGB 3.1, p. 548.

¹¹ JANZ. *Friedrich Nietzsche*, p. 274.

¹² Ibidem, p. 273.

¹³ Ibidem.

¹⁴ Citações de Druskowitz em BORŠIĆ; KARASMAN. *Meet Helene Druskowitz*, p. 181. A referência citada pelos autores é de Conrad Ferdinand Meyer Nachlass, Central Library of Zurich, sig. Ms CFM 331.7.

¹⁵ Carta de Nietzsche do dia primeiro de agosto de 1885 a Heinrich Köselitz (618); KGB 3.3, p. 76.

¹⁶ “Para a Srta. Druskowitz, enviei imediatamente a parte 4 de Zarathustra quando chegou seu benévolo cartão” (Carta de Heinrich Köselitz de 10 de agosto de 1885 a Friedrich Nietzsche (290); KGB 3.4. p. 47).

¹⁷ BORŠIĆ; KARASMAN. *Meet Helene Druskowitz*, p. 181.

O exemplar lhe foi destinado como propriedade: mas certamente: é diferente apropriar-se de uma só palavra dele. E agora você já quer escrever sobre estas coisas! em relação às quais você nunca vivenciou, quem dirá o abalo mais sagrado e íntimo, que deveria antes de tudo anteceder a todo grau de compreensão!

Para a minha triste surpresa, eu vejo através de suas — — — tanto quanto eu sei sobre esta gente de hoje em dia, minha esperança é pequena.

Perdão, minha prezada Srta., mas eu não pertenço àqueles que “fazem literatura”, menos ainda àqueles que acreditam que se poderia falar abertamente sobre todas as coisas. Àquele que não sabe me ser grato, do fundo do coração, por algo como meu Zarathustra ter sido de fato compartilhado por mim, quem não abençoa toda a existência por ser possível, nela, algo como esse Zarathustra, falta tudo, ouvido, entendimento, profundidade, cultura, gosto e sobretudo a natureza de um “homem escolhido”. São tais “escolhidos” que quero aproximar de mim: — — —

Ps. O exemplar enviado, como é justo, lhe pertence, minha querida e venerada Srta., como sua propriedade.

No que tange a sua carta tão honesta, embora não exatamente cuidadosa e sensata, de fato, talvez também não particularmente “humilde”: eu digo, como tão frequentemente: Que pena que não se pode ter uma meia hora de conversa quando ela é necessária! Ainda este inverno, eu levei um companheiro inteligente e muito dedicado de minha idade a rasgar em pedaços, por vergonha, um ensaio que ele havia escrito sobre mim¹⁸.

Acerca do insulto de Druskowitz, Nietzsche tece apenas um breve comentário a Köselitz no dia 21 do mesmo mês: “O envio do Zarathustra 4 a Srta. Druskowitz foi uma burrice de minha parte; felizmente ela compreendeu como se ela apenas tivesse permissão de *ler* o livro: ela o *devolverá*, portanto; eu lhe dei o endereço necessário para isso”¹⁹. Köselitz, também ofendido, compartilha da dor de Nietzsche e tenta, de certa maneira, acalentá-lo com as seguintes palavras: “Acaba de chegar o livro de Druskowitz. É bom que não tenhamos ideia do que pensou dele um feminino tão erudito”²⁰. Assim, o episódio envolvendo Druskowitz é deixado de lado e supostamente esquecido.

No ano seguinte, porém, Druskowitz publica o livro *Moderne Versuche eines Religionsersatzes* (*Tentativas Modernas de um Substituto da Religião*), no qual critica publicamente Nietzsche em seu sexto capítulo. Neste livro, cuja parte do ataque se encontra traduzida abaixo, ela pretende mostrar que podem ser encontrados em cada escritor apontado por ela diferentes elementos de um longo projeto para a substituição da religião com um sistema filosófico, o que, entretanto, jamais teria sido bem-sucedido²¹. “A principal objeção é que eles estavam todos construindo uma nova religião ao invés de oferecer alguma coisa estruturalmente nova que substituiria a religião”²². Embora seu ataque, realizado, segundo Janz, de forma superficial e sem quaisquer

¹⁸ Rascunho de carta de Nietzsche do meio de agosto de 1885 a Helene Druskowitz (623); KGB 3.3, p. 83-4.

¹⁹ Carta de Nietzsche de 21 de agosto de 1885 a Heinrich Köselitz (624); KGB 3.3, p. 86.

²⁰ Carta de Heinrich Köselitz de 26 de agosto de 1885 a Friedrich Nietzsche (292); KGB 3.4. p. 51.

²¹ BORŠIĆ; KARASMAN. *Meet Helene Druskowitz*, p. 186.

²² Ibidem.

escrúpulos, tenha ferido profundamente a sensibilidade de Nietzsche, ele não o interferiu ao ponto de estragar os dias desconstruídos em meio a novas amizades musicais em que Nietzsche se encontrava²³

Apesar de não transparecer na época, o ataque de Druskowitz certamente abalou Nietzsche e se manteve em sua mente por um bom tempo. Em fevereiro de 1887, um ano após a publicação do livro de Druskowitz, Nietzsche pergunta a Malwida von Meysenbug sobre o que fazem algumas garotas que ele conheceu por intermédio dela, e comenta:

Uma Sra. Druskowitz parece ter recentemente pecado contra meu filho Zarathustra por meio de um precoce papo-furado de literato: parece que, por algum crime, direcionei os cálamos femininos contra meu peito – e é isso mesmo! Pois, como minha amiga Malwida fala: “eu sou ainda pior do que Schopenhauer”²⁴.

E ainda, em setembro do mesmo ano, Nietzsche escreve a Carl Spitteler, como resposta a uma carta que infelizmente não foi conservada: “A pequena gansa da literatura, Druskowitz, é tudo menos minha ‘aluna’...”²⁵.

Referências Bibliográficas

- BORŠIĆ, Luka; KARASMAN, Ivana S. Meet Helene Druskowitz. *Prolegomena*, v. 19, n. 2, 2020, p. 177-195.
- JANZ, Curt Paul. Friedrich Nietzsche: uma biografia, volume II: os dez anos do filósofo livre (Primavera de 1879 a dezembro de 1888). Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.
- NIETZSCHE, Friedrich W. Briefe an Friedrich Nietzsche Januar 1885 - Dezember 1886. In: *Nietzsche Briefwechsel. Kritische Gesamtausgabe (KGB)*. Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari. Dritte Abteilung, vierter Band (3.4). Berlin; New York: Walter de Gruyter, 1982.
- NIETZSCHE, Friedrich W. Briefe von Friedrich Nietzsche Januar 1880 - Dezember 1884. In: *Nietzsche Briefwechsel. Kritische Gesamtausgabe (KGB)*. Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari. Dritte Abteilung, erster Band (3.1). Berlin; New York: Walter de Gruyter, 1981.
- NIETZSCHE, Friedrich W. Briefe von Friedrich Nietzsche Januar 1885 - Dezember 1886. In: *Nietzsche Briefwechsel. Kritische Gesamtausgabe (KGB)*. Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari. Dritte Abteilung, dritter Band (3.3). Berlin; New York: Walter de Gruyter, 1982.
- NIETZSCHE, Friedrich W. Briefe von Friedrich Nietzsche Januar 1887 - Januar 1889. In: *Nietzsche Briefwechsel. Kritische Gesamtausgabe (KGB)*. Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari. Dritte Abteilung, fünfter Band (3.5). Berlin; Boston: Walter De Gruyter, 1984.

²³ JANZ. *Friedrich Nietzsche*, p. 275.

²⁴ Carta de Nietzsche do final de fevereiro de 1887 a Malwida von Meysenbug (809); KGB 3.5, p. 34-5.

²⁵ Carta de Nietzsche de 17 de setembro de 1887 a Carl Spitteler (914); KGB 3.5, p. 45-59. Em alemão, Nietzsche emprega o termo *Gans* (“gansa”), utilizado para se referir, de modo depreciativo, a uma mulher jovem e inexperiente.

Tentativas Modernas de um Substituto da Religião: VI*

Dos esforços notáveis em solucionar o problema que nos ocupa também faz parte o livro original de Friedrich Nietzsche: *Assim falou Zaratustra*²⁶. Não se deve de modo algum duvidar que o autor, que, em alguns aspectos, ocupa uma posição excepcional dentre os escritores de nossos dias, acredita ter criado com esta obra um novo Evangelho. Ele até mesmo almeja reproduzir a forma e o tom dos livros santos, o que é, de maneira primorosa, alcançado por ele, o mestre da forma.

As numerosas obras de Nietzsche permaneceram em grande medida despercebidas pelo público e pela crítica até agora. Nietzsche é de fato conhecido, ou melhor, é de fato uma personalidade altamente venerada, apenas nos círculos cultos, musicais, e isso tanto devido a uma amizade íntima de muitos anos com Richard Wagner, quanto através do trabalho *O Nascimento da Tragédia no Espírito da Música*, que contém, segundo o juízo dos conhecedores, a mais genial representação do espírito da música wagneriana, e através do brilhante escrito comemorativo *Richard Wagner em Bayreuth*, que também foi traduzido para o francês. Além do mais, o nome de Nietzsche é amiúde conhecido, reconhecido como grande, sem que se saiba em que se fundamenta essa fama. Por isso, antes de nos atentarmos à sua obra que está aqui sobretudo em questão, permitimo-nos algumas observações gerais sobre esse escritor, assim como uma curta caracterização e crítica de seus principais pensamentos contidos nas obras anteriores, — uma crítica que, sem dúvidas, será essencialmente negativa.

Nietzsche é sobretudo um espírito artístico, um poeta; no que diz respeito à sensação, à sensibilidade, à força intuitiva e à beleza harmônica do discurso e enquanto estilista, ele poderia ter apenas poucos iguais. Além disso, ele possui um modo de pensar distante de todos os que estão reclusos em moldes, uma espantosa abundância espiritual, uma esplêndida visão geral dos distintos domínios da vida, da arte e da ciência e um juízo muito determinado, ou melhor, soberano.

No entanto, Nietzsche dificilmente poderia ficar satisfeito com este reconhecimento. É certo que ele se considera, ao menos desde a publicação de sua obra *Humano demasiado Humano* (1878), um filósofo. Ele tem o direito de fazer isso? Suas obras são obras filosóficas? Em todo caso, elas contêm uma grande quantidade de pensamentos filosóficos, a saber, suas coletâneas de reflexões e de aforismos mais longos ou mais curtos que ele publicou sob os títulos em parte paradoxais *Humano demasiado Humano*, *O Andarilho e sua Sombra*, *Aurora* e *A Gaia Ciência*, e nas quais ele menciona quase todas as questões mais importantes, na maioria das vezes enfileirando os pensamentos dos mais distintos pesos e valores de maneira completamente não metódica. É de fato extraordinário quanto espírito está depositado nestas obras. Mas que valor têm especialmente os pensamentos filosóficos que o autor nos oferece neles? Acima de tudo, deve-se perceber aí que Nietzsche dificilmente tratou de um problema em detalhes. Ele

* Para a realização da tradução, foi utilizada a edição publicada em 1886: DRUSKOWITZ, Helene. *Moderne Versuche eines Religionsersatzes: Ein philosophischer Essay*. Heidelberg: Georg Weiß Verlag, 1886, p. 45-59 – cujas citações das obras de Nietzsche foram sempre comparadas com as da edição organizada por G. Colli e M. Montinari. Em caso de divergências significativas, elas foram destacadas em notas de rodapé.

²⁶ Chemnitz, 1883 e 1884.

gosta de onde os outros trabalharam, de alongar-se no gesto, na alusão e nas imagens espirituosas; ele de fato gosta mais do papel de incumbir tarefas científicas do que o de trabalhar cientificamente. Ele tem o direito de fazer isso? Segundo nossa opinião, sua força parece se basear sobretudo em uma genial capacidade de reprodução. Ele possui a superioridade da expressão e da forma, e ele mostrou de fato, através de algumas palavras pertinentes, de alguma designação nova, de alguma imagem feliz, os resultados da pesquisa e da especulação em uma nova iluminação; assim, porém, ele frequentemente chega a um posicionamento oposto ao dos verdadeiros autores desses pensamentos, no qual não se encontra humildade.

Que em suas obras, porém, não faltem em nenhum lugar pensamentos originais, suas análises psicológicas e geniais raios de luz, não pode ser negado. Em geral, é dito sobre suas reflexões filosóficas que a afirmação dos problemas não harmoniza com sua importância; que as declarações de uma sabedoria genuína se alteram com espertezas inúteis e sofismos duvidosos, que amostras de genuína agudeza se alteram com paradoxos e às vezes com enganos certamente lamentáveis; e que o autor se contradiz em quase todo ponto. Ainda assim, devemos admirar especialmente sua inabitual capacidade de reprodução no domínio filosófico. Mas, o limite de sua aptidão filosófica se mostra assim que ele busca fixar as últimas tarefas e metas a partir de sua própria compreensão. Imediatamente, então, se manifesta uma notável falta de sentido sadio para a realidade, de habilitação para encontrar o meio correto.

Embora Nietzsche seja tomado por certas correntes modernas de pensamento, ele está, por outro lado, completamente distante das questões práticas da vida; é um idealista extremo, se realmente significa ser idealista não levar a realidade em consideração. *Seu espírito imagina condições e ideais antigos* que não encontram nenhuma aplicação em nosso tempo, enquanto ele confronta friamente muitas das melhores e mais nobres aspirações contemporâneas. Não admira que o público também o confronte friamente.

Ele mostrou de uma só vez sua grande falta de habilitação para uma avaliação justa e correta da vida e do homem em seu primeiro escrito filosófico, *Schopenhauer como Educador*²⁷ (1874), no qual é colocada à sociedade a tarefa de *gerar o gênio*. E esta tarefa não é porventura colocada a uma sociedade artística, ideal, na qual os homens aprenderam a manter sua dignidade humana, na qual eles conquistaram, de modo geral, uma formação [*Bildung*] e uma maturidade espiritual mais elevada; mas, à sociedade de nosso tempo, é gritado o imperativo “Deves gerar e promover o gênio”²⁸. No entanto, a partir da simples razão, este imperativo deveria aparecer para toda sociedade como uma estranha exigência, porque não está em seu poder realizá-la. Mas Nietzsche está convencido do contrário. No exemplo de Schopenhauer, do qual ele era partidário de modo absolutamente desagradável na época em que compôs o escrito questionável, ele deseja mostrar o que a sociedade tem de aprender para facilitar o renascimento do gênio e especialmente de Schopenhauer, com o que Nietzsche se preocupa aqui em primeiro

²⁷ O trabalho forma a terceira parte das *Considerações Extemporâneas*.

²⁸ N.T.: Há, no original, um erro ortográfico nesta passagem: em vez de *zugernfen* (termo inexistente), deveria ser *zugerufen* (particípio segundo de *zurufen*: gritar, chamar, saudar).

lugar, ou o renascimento do gênio filosófico, uma vez que deveriam impedir o *surgimento* do gênio os mesmos motivos que dificultam sua *efetividade*.

Qual foi o principal motivo, questiona Nietzsche, pelo qual Schopenhauer teve de esperar por tanto tempo até que chegasse o dia em que ele exclamou em um triunfo decerto dolorosamente emocionante: *legor et legar!*²⁹ A resposta está na falta de simplicidade e de naturalidade de seus contemporâneos. Por isso, pensa Nietzsche que deveriam ser reunidos os amigos e os admiradores de Schopenhauer para engendrar, através deles, uma corrente que facilitasse o renascimento do gênio filosófico.

Um culto heroico fortemente transviado, uma visão completa da real questão, da real relação entre gênio e sociedade!

O gênio se abre à sociedade ao se desenvolver em oposição ao fluxo do tempo ou ao conceder expressão ao que os contemporâneos sentem apenas de maneira obscura, isto é, a um novo domínio espiritual do qual a sociedade aprende muitas vezes a se apoderar apenas de maneira gradual, mas que ela não pode conhecer antes da chegada do gênio, para se preparar em certa medida para sua aparição. Certamente não é feito o suficiente com a mera naturalidade do pensamento e da sensação. A sociedade necessita de uma certa maturidade espiritual para entender o gênio, o qual, no entanto, apenas através do gênio pode ser dado à sociedade. Assim vemos que Nietzsche toma de maneira completamente oblíqua a relação entre gênio e sociedade, ou melhor, inverte totalmente a verdadeira questão. Como, por fim, Nietzsche imaginou a promoção do renascimento do gênio através da sociedade, é-nos completamente misterioso. Até agora, Nietzsche persistiu no pensamento de que a natureza depende apenas do “homem heroico”.

Quando Nietzsche escreveu o escrito sobre Schopenhauer, ele ainda não julgava a si mesmo como filósofo e jamais acreditou se tornar um, como ele mesmo admitiu abertamente³⁰; naquele tempo, ele era apenas um entusiástico adepto de Schopenhauer.

Logo depois, consumou-se nele uma plena separação de seus antigos mestres. Nietzsche havia se cansado da adoração incondicional, seu sentimento de si [*Selbstgefühl*] havia crescido e não há dúvida de que ele acreditou ter proferido, em seu *Humano demasiado Humano*, um pensamento autônomo, de profunda importância. Nietzsche havia alcançado precisamente a dolorosa convicção de que somos determinados por motivos em todas as nossas ações, e daí, como é habitualmente o caso, tirou a conclusão fundamentalmente errada de que não há qualquer distinção entre bem e mal, que não há, portanto, nem ações morais nem imorais, que a virtude não merece nenhuma admiração, que é um erro lógico irar-se com o vício e castigar o criminoso. Nietzsche não poderia, entretanto, se tranquilizar com este conhecimento até que lhe auxiliasse um pensamento consolador. “Mas, para isso, há um consolo”, lemos no final do capítulo “A História dos Sentimentos Morais”³¹:

²⁹ N.T.: “Sou lido e serei lido”, como exclama Schopenhauer no prefácio à segunda edição de *Sobre a Vontade na Natureza*.

³⁰ Que se relacione às seguintes colocações: p. 92: “Um erudito jamais pode se tornar um filósofo” e p. 97: “Mas Kant já era, como nós eruditos costumamos ser, atencioso e subserviente”. N.T.: A primeira referência é do sétimo capítulo de *Schopenhauer como Educador* e a segunda, do oitavo.

³¹ P. 91. N.T.: referência ao aforismo 107 de *Humano Demasiado Humano I*, intitulado *Irresponsabilidade e inocência*.

Tais dores são as contrações do parto. A borboleta quer romper seu casulo, ela o puxa, ela o dilacera, então a cega e a confunde a luz desconhecida, o reino da liberdade. Em tais homens que são capazes dessa tristeza — quão poucos o serão! — será feita a primeira tentativa de [saber] se a humanidade *pode ser transformada de uma humanidade moral em uma sábia*. ... Mesmo que continue a nos reger o hábito herdado de avaliar, amar, odiar erradamente, ele se tornará mais fraco sob a influência do conhecimento crescente: um novo hábito, o de compreender, não amar, não odiar, abranger com a vista, pouco a pouco se agita em nós no mesmo solo, e em milhares de anos talvez seja poderoso o bastante para dar à humanidade a força de gerar o homem sábio, inocente, consciente da inocência, de modo tão regular quanto hoje ele gera o homem tolo, injusto, consciente da culpa — isto é, o precursor necessário daquele, não seu oposto³².

A possibilidade de uma humanidade sábia é um pensamento ao qual de fato ninguém antes recorreu. Espinosa considerou possível uma comunidade de pensadores na qual ninguém cometaria ofensas. [Mas], para o pensamento de uma “humanidade sábia”, ele balançou a cabeça. O entendimento realmente deveria poder ter o poder de se tornar senhor das forças mais originais dos sentimentos? E supondo que ele devesse ser capaz de se tornar um tal feiticeiro, não diminuiriam com as sensações éticas também as estéticas e não restariam, por fim, apenas as sensações mais baixas, salvo um entendimento infalível? Quando um Herbert Spencer sonha com uma condição futura da sociedade em que os interesses pessoais e gerais estejam situados em perfeita harmonia, trata-se de um belo sonho e há momentos em que se pode acreditar em sua efetivação, enquanto a utopia de Nietzsche oferece uma imagem futura altamente desagradável. É tão pouco comprehensível por que Nietzsche se tranquilizou com este pensamento, uma vez que, um pouco antes, ele se expressou da seguinte maneira³³: “São apenas os homens demasiado ingênuos que podem acreditar que a natureza do homem poderia ser transformada em uma puramente lógica; se, entretanto, houvesse graus de aproximação a esta meta, o que não se haveria de perder neste caminho!”. Aliás, também podemos não estar de acordo com estas declarações, uma vez que devemos descartar a opinião [*Anschauung*] subjacente de que nossos juízos morais se baseiam em erros do intelecto. Mas não consideramos como nossa tarefa desenvolver, neste lugar, nossa própria opinião sobre este ponto.

Muito ousada é a afirmação de Nietzsche quando, em algum lugar de *Aurora* (1881), expressa o pensamento de que se deveria devolver ao homem a confiança em suas ações, malfaladas como egoístas, uma vez que, assim, se tira da vida a má aparência e, quando não se considera mais mau, o homem deixa de ser mau.

³² N.T.: Em relação à edição de G. Colli e M. Montinari, há algumas distinções na citação de Druskowitz que merecem ser destacadas. Em invés de *Dafür aber gibt es einen Trost* (“Mas, para isso, há um consolo”), como escreve a autora, encontra-se *aber darnach giebt es einen Trost* (“mas, depois, há um consolo”); em vez de *verwandt werden könne* (“pudesse ser transformado”), encontra-se *umwandeln könne* (“pudesse se converter”); em vez de *regt sich* (“agitá-se”), encontra-se *pflanzt sich an* (implanta-se); em por fim, em vez de *unschuldbewußten* (“consciente da inocência”) não estar entre parênteses, ele se encontra entre parênteses.

³³ P. 33. N.T.: referência ao aforismo 31 de *Humano Demasiado Humano I*, intitulado *A necessidade do ilógico*.

Além disso, é verdadeiramente surpreendente a posição que Nietzsche assume contra a compaixão. Ele vê aí apenas uma manifestação do sentimento de poder, um “agradável movimento do impulso de apropriação”³⁴, o mais agradável sentimento daqueles que são pouco orgulhosos e que podem pouco fazer outras conquistas. Ela não lhe é nada senão uma moda moral e o compassivo, apenas um tipo especial de egoísta.

Nietzsche tem mil vezes razão, quando ele critica a leviandade, com a qual são habitualmente prestados benefícios, e, em vista do ensinamento de Comte, adverte dos perigos do altruísmo passado dos limites. Mas, Nietzsche não distingue entre a condução rude, insultante, daqueles que, não alcançando nenhum sentimento cultural mais elevado, seguem seus impulsos [*Impulsen*], e as nobres formas da verdadeira compassividade. A genuína compassividade, da qual apenas é capaz o homem verdadeiramente moral [*sittliche*], fantasioso e sensato, não quer exercer violência, não quer insultar. Quase que Nietzsche também se contradiz neste ponto. Na *Gaia Ciência* é dito: (Nr. 74) “O que há de mais humano? Poupar alguém da vergonha”³⁵. Mas poupar alguém da vergonha não é também uma forma de compassividade? O mais profundo motivo pelo qual Nietzsche trata a compaixão de maneira tão depreciativa é a consciência de que há casos em que o bem-estar do próximo deve ser sacrificado a uma finalidade mais elevada. Assim é dito no parágrafo “Também por sobre o próximo” em *Aurora*³⁶:

A essência do que é verdadeiramente moral está em termos em vista as consequências próximas e mais imediatas de nossas ações para os outros e nos decidirmos de acordo com elas? Esta é apenas uma moral estreita e pequeno-burguesa, mesmo que também seja uma moral. Mas parece-me mais elevado e livre *olhar também por sobre* essas consequências próximas para os outros e, em [certas] circunstâncias, promover finalidades mais remotas também com o sofrimento do outro, por exemplo, promover o conhecimento, inclusive pela compreensão de que, de início e de maneira imediata, nossa espiritualidade livre [*Freigesterei*] lançará os outros em dúvida, preocupações e em coisas piores³⁷.

Devemos ser gratos a Nietzsche por ele ter fortemente destacado este ponto de vista. Como, no entanto, há considerações mais elevadas do que o bem-estar do semelhante

³⁴ N.T.: Referência ao aforismo 118 de *A Gaia Ciência*, intitulado *Benevolência*.

³⁵ N.T.: Embora Druskowitz tenha referenciado esta passagem como sendo o aforismo 74 de *A Gaia Ciência*, ela aparece na edição de G. Colli e M. Montinari como o 274, intitulado *O que há de mais humano para ti?* Nota-se aqui a única diferença em relação à citação da autora: a ausência do pronome de segunda pessoa do singular no dativo, *dir*.

³⁶ P. 142 (Nr. 146). N.T.: como indicado pela autora, trata-se de uma referência ao aforismo 146 de *Aurora*, intitulado *Também por sobre o próximo*.

³⁷ N.T.: Em relação à edição de G. Colli e M. Montinari, há algumas distinções na citação de Druskowitz que merecem ser destacadas. Em vez de *spießbürglerliche*, encontra-se *kleinbürglerliche*, o que não parece consistir em nenhuma grande alteração, uma vez que ambos os termos significam “pequeno-burguês”; em vez de *auch durch die Einsicht* (“inclusive pela compreensão”), encontra-se *auch trotz der Einsicht* (“inclusive apesar da compreensão”). Por fim, vale ainda destacar que foi acatada a tradução de Paulo César de Souza do verbo *hinwegsehen*, “olhar por sobre”, a qual conserva a relação de *auch über [...] hinwegzusehen* com o título *Auch über [...] hinweg*, embora assim não fique tão explícito os sentidos do verbo em questão: “relevar”, “ser conivente”, “tolerar”, “ignorar”.

em certos casos, estes são apenas casos excepcionais e como a vida empobreceria se dela desaparecesse a compassividade!

O que nos toca de maneira mais simpática em Nietzsche é a sua ênfase na *alegria compartilhada*, cuja existência alguns filósofos, p. ex. Hobbes, negaram, [sua ênfase] na consciência intelectual, que apenas se faz de fato vigente em muito poucos, e a sua corajosa e jubilosa afirmação da vida, com um orgulhoso olhar para longe, o que é duplamente benéfico para um antigo discípulo de Schopenhauer. Em *Assim Falou Zaratustra*, última obra de Nietzsche, a qual passaremos imediatamente, a mesma [afirmação da vida] obteve a mais intensa expressão, embora certamente errada. Por fim, também nos toca de maneira simpática o mais forte individualismo de Nietzsche, exceto quando Nietzsche também vai longe demais aí, isto é, quando ele, em contradição com seu menosprezo pelos homens medíocres, considera cada um como único e nega a legitimidade de leis que vinculam a todos em comum.

O que Nietzsche quer, por fim, ensinar em *Assim falou Zaratustra*? Nós já mencionamos que Nietzsche acreditou abertamente ter criado com essa obra um novo Evangelho e que ele reproduziu aí inclusive a forma dos livros santos, sem que pudéssemos aprovar isso. Se a língua antiga também oferece a vantagem de um maior ímpeto e força, então ela não é capaz de reproduzir nossos modernos e refinados pensamentos e sensações. Quem, por isso, se serve desta língua, não poderá abster-se de uma retroação embrutecedora em seu pensamento, como também se mostra muito claramente na obra de Nietzsche. No livro sobre o qual em breve falaremos, W. M. Salter encontrou o tom de longe mais correto em que se deve hoje apresentar um ensinamento para inflamar os senhores.

O pensamento que está na base de *Zaratustra* é uma consequência do darwinismo e já foi proferido repetidas vezes antes de Nietzsche. Mas, deve ser concedido a Nietzsche o mérito de ter apreendido o mesmo [pensamento] de maneira mais afetiva do que qualquer outro. No entanto, através do afeto, como tão frequentemente, Nietzsche é induzido a ultrapassar os limites.

Citamos os principais trechos do primeiro discurso de *Zaratustra*, o qual ele dirige à multidão reunida, para que o leitor conclua das palavras do herói o principal pensamento do livro e [para que ele] forme para si uma ideia [*Vorstellung*] do modo como o autor deixa *Zaratustra* falar³⁸:

“Eu vos ensino o além-do-homem. O homem é algo que deve ser superado. O que vós fizestes para superá-lo?”

“Todos os seres até então criaram algo para além de si e vós quereis ser a vazante desta grande enchente e ainda preferis regredir ao animal a superar o homem?”

“O que é o macaco para o homem? Uma risada e uma dolorosa vergonha. E precisamente isso deve o homem ser para o além-do-homem, uma risada e uma dolorosa vergonha.”

“Vós fizestes o caminho do verme ao homem e muito, em vós, ainda é verme. Outrora fostes macacos e ainda agora o homem é mais macaco do que qualquer macaco”

³⁸ P. 9 ff. N.T.: com exceção das três últimas citações, que são do quarto parágrafo do *Prólogo de Zaratustra*, todas as demais são do terceiro.

“Quem é, porém, o mais sábio de vós, é também apenas um conflito e híbrido de planta e fantasma. Mas eu vos digo para se tornarem fantasmas e plantas?”

“Vede, eu vos ensino o além-do-homem! O além-do-homem é o sentido da terra! Que vossa vontade diga: seja o além-do-homem o sentido da terra!”

“Eu vos suplico, meus irmãos, permanecei fiéis à terra e não acrediteis naqueles que vos falam sobre esperanças extraterrenas! Envenenadores são, saibam eles ou não!”

“Desprezadores da vida são aqueles que estão se extinguindo e que envenenaram a si mesmos, dos quais a terra está cansada: que partam, então!”

“Outrora o sacrilégio a Deus era o maior sacrilégio, mas Deus morreu e assim morreram também estes sacrílegos. Cometer sacrilégio na terra é agora o que há de mais terrível e dar maior valor às entradas do inescrutável do que ao sentido da terra!”.....

“O que há de maior que vós podeis vivenciar? Essa é a hora do grande desprezo, a hora em que o nojo também vos torna vossa felicidade e da mesma forma vossa razão e vossa virtude”.

“A hora em que dizeis: O que importa minha felicidade! Ela é pobreza, sujeira e uma lamentável satisfação. Mas minha felicidade deveria justificar a própria existência!”

“A hora em que dizeis: O que importa minha razão! Ela cobiça o saber, como o leão, seu alimento? Ela é pobreza, sujeira e uma lamentável satisfação!”

“A hora em que dizeis: O que importa a minha justiça! Não vejo que eu seja brasa e carvão! Mas o justo é brasa e carvão!”

“A hora em que dizeis: O que importa minha compaixão! A compaixão não é a cruz na qual é pregado aquele que ama os homens? Mas minha compaixão não é crucificação!”

“Vós já falastes assim? Já gritastes assim? Ah, que eu já vos tivesse ouvido gritardes assim! Não vosso pecado — vosso comedimento grita ao céu, vossa própria avareza em vossos pecados grita para o céu!”

“Onde está o raio que vos lamberia com sua língua? Onde está a loucura, com que deveríeis ser vacinados?”

“Vede, eu vos ensino o além-do-homem, que é esse raio, que é essa loucura!”.....

“O homem é uma corda, atada entre o animal e o além-do-homem — uma corda sobre um abismo!”

“Um perigoso para-lá, um perigoso a-caminho, um perigoso olhar-para-trás, um perigoso arrepiar-se e se deter.”

“O que é grande no homem é que ele é uma ponte e não é uma finalidade; o que pode ser amado no homem é que ele é uma *passagem* e um *declínio!*”³⁹

³⁹ Que o pensamento dessa “passagem” e “declínio” do homem despertou-se em Nietzsche de maneira completamente repentina, concluímos do seguinte trecho de *Aurora*, em que Nietzsche expressa a opinião [Anschauung] contrária (p. 44 Nr. 49): “Outrora buscava-se alcançar o sentimento de magnificência do homem apontando para uma procedência divina; isso se tornou agora um caminho proibido, pois, em sua porta, agora está o macaco juntamente com outros animais horríveis... Testa-se agora, então, uma direção oposta. O caminho, *para o qual* vai a humanidade, deve servir para provar sua magnificência e parentesco divino. Ah, isso também não é nada!... O quanto elevado a humanidade não haveria de se desenvolver — e talvez se tornasse ainda mais baixa do que no começo! — não há para ela *nenhuma passagem para uma ordem mais elevada*, assim como a formiga e a lacrainha, no final de sua trajetória na terra, tampouco ascendem ao parentesco divino e à eternidade”. N.T.: como indicado pela autora, trata-se de uma referência ao aforismo 49 de *Aurora*, intitulado *O novo sentimento fundamental: nossa definitiva transitoriedade*. A única diferença a ser

É preciso perceber, em primeiro lugar, que não é precisamente gratificante a posição que é concedida ao homem por Zarathustra. Se o homem também deve passar para uma ordem mais elevada, é mais horrível e mais indigno pensar que ele está em uma relação com ela exatamente como aquela do macaco com o homem. Que exigência descabida [Zumuthung], a de que o homem deve almejar gerar um tipo mais elevado para o qual ele será apenas uma “risada e uma dolorosa vergonha”! E o que se deve dizer da declaração de que, até agora, apenas o homem não criou nada para além de si, enquanto todos os seres vivos o fizeram? É preciso se lamentar por encontrar um pensamento tão oblíquo em um escritor como Nietzsche.

Além disso: sempre pode ser apresentado como possibilidade que o homem seja deixado de fora de uma ordem mais elevada, mas de maneira alguma [pode ser apresentado] como certeza. Uma extraordinária perfeição do homem é cogitável sem que os seres ideais já tivessem ultrapassado o tipo humano. Tais propriedades, que Nietzsche characteristicamente destaca como para o além-do-homem, estavam de fato corporificadas no gênio humano; todavia, uma vez que o além-do-homem deve evidentemente sobrepujar também o gênio, Nietzsche não nos dá basicamente nenhum indício de como temos de imaginá-lo. Mas se o além-do-homem não é nenhuma certeza, então, por este motivo, ele já não pode ser apresentado como meta da aspiração humana. No entanto, isso não poderia ser feito assim, supondo que tal passagem fosse certamente garantida, porque nós não conhecemos as condições do surgimento de um novo tipo, e porque o ideal da aspiração humana de modo algum tolera alguma corporificação determinada. Ele cresce com o crescimento do homem; quanto mais elevado o homem, tanto mais elevado seu ideal. Também o além-do-homem seria apenas a realização de uma determinada etapa de desenvolvimento do ideal, — ele não pode, portanto, ser colocado como última meta.

Assim o pensamento fundamental de *Zarathustra* se demonstra como um equívoco em todos os aspectos. Não obstante, a obra, considerada como um todo, pertence aos peculiares fenômenos da literatura paradoxal.

Recebido / Received: 03/05/2025

Aprovado / Approved: 14/05/2025

mencionada é a de que, enquanto na citação encontra-se *eine göttliche Abkunft* (“uma procedência divina”), na edição de G. Colli e M. Montinari lê-se *seine göttliche Abkunft* (“sua procedência divina”).